

2^a ASSEMBLÉIA

DE

CHEFES INDÍGENAS

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. G2D06015

XERENTE 1
TAPIRAPÉ 2
XAVANTE 3
BORORO 4
IRANTXE 5
APIAKÁ 6
KAYABI 7



8 KAXUYÁNA
9 TIRIYÓ
10 GALIBI
11 KARIPUNA
12 NAMBIKWÁRA
13 MUNDURUKU

MISSÃO CURURU

8 - 14 • MAIO • 1975

COMO ACONTECEU A ASSEMBLÉIA

Preparativos:

Na reunião regional de pastoral indigenista, realizada em Belém de 13 a 16 de janeiro, atendendo às solicitações dos índios, foi aceita a proposta de uma 2a. Assembléia de chefes indígenas, marcada para 8 a 11 de maio, na Missão Cururu. Uma condição seria o transporte da FAB, Consultado a respeito o Brig. Camarão, comandante da 1a. Zona Aérea, concordou em dar essa colaboração. A reunião contaria com índios das Prelazias de Macapá, Óbidos, Santarém, Guiratinga, Diamantino, S. Félix e Marabá.

Desses só faltaram os da Prelazia de Marabá. Frei Gil, que se responsabilizara pelos representantes de lá, se excusou de última hora, por motivo de força maior.

Eis as comitivas que se formaram:

Comitiva de Santarém:

Procedentes de Santarém, chegaram no cargueiro Búfalo da FAB o Pe. Iasi e Frei Ranulfo Peloso da Silva, no dia 7 pela manhã.

Comitiva de Diamantino:

Partiu de Utiariti, no dia 7, no teco alugado ao Summer Institute of Linguistics, levando o Irantxe Yanaxi e o Nambikwára Axikaruçaná, acompanhados pelo Pe. Thomaz Lisboa. Foi em seguida ao Posto Tatuí, onde embarcaram o Kayabi Yopareipü e o Apicaká, Piry. Chegaram ao Cururu à tarde do mesmo dia.

Comitiva de Guiratinga e S. Félix:

Partiu de Merure no dia 4, passando pelo Tapirapé com destino a Marabá. Era integrada pelo Bororo Txibaibô, o Xavante Wayrotsú e o Tapirapé Txuãerí. Vieram no teco pilotado por D. Tomás. Aguardaram em Marabá, no Colégio das Irmãs Dominicanas do dia 5 ao dia 8. A eles se juntou o Xerente Samprê, da aldeia

do Funil (Tocantínia - GO). Embarcaram no catalina da FAB, que chegou dia 8 com a turma procedente de Tiriyo e Belém .

Comitiva de Óbidos:

Saiu no dia 6 a comitiva composta de três índios: Aviri e Nasãu, Ririyo e Mosõku, Kaxuyãna, acompanhados pelos freis Bento e Paulo. Pernoitaram em Belém, na Base Aérea, e no dia seguinte embarcaram no catalina com destino ao Cururu, juntando-se a eles o Pe. Egydio, o Frei Ervano e a jornalista Eliana de "O Estado de São Paulo". No pouso em Marabá, embarcou a comitiva de Guiratinga e São Félix. Pernoite em Santarém, no Seminário Pio X. Viajaram no dia seguinte com destino ao Cururu.

Comitiva de Macapá:

O Karipuna Manuel viajou de sua aldeia no dia 5, de motor de popa, depois de caminhão até Oiapoque. Da aldeia do Rio Oiapoque, veio Geraldo Lod, Galibi. Ambos embarcaram no avião da FAB com destino a Belém. Em Macapá, o bispo D. Maritano quis cumprimentar a turma e desejar bom encontro. Aí pernoitaram por motivo de pane. Chegaram a Belém no dia 7, onde tiveram que esperar até o dia 10, quando o Brig. Camarão autorizou pouso extra no Cururu de um avião fazendo linha Belém-Boa Vista.

Comitiva da Missão Cururu:

Foi integrada por vinte representantes das aldeias Munduruku, acompanhados por Frei Ervano, diretor da Missão e Frei Edmundo. As Irmãs participaram na coordenação dos serviços. Os chefes que vieram de mais longe gastaram quatro dias de viagem, dois dias a pé e dois dias de canoa. A maior parte veio trazendo a família. De alguns lugares compareceu a aldeia inteira. Reuniram-se na Missão 850 Munduruku, sendo 500 procedentes das diversas malocas.



PRIMEIRO DIA DO ENCONTRO

A chegada

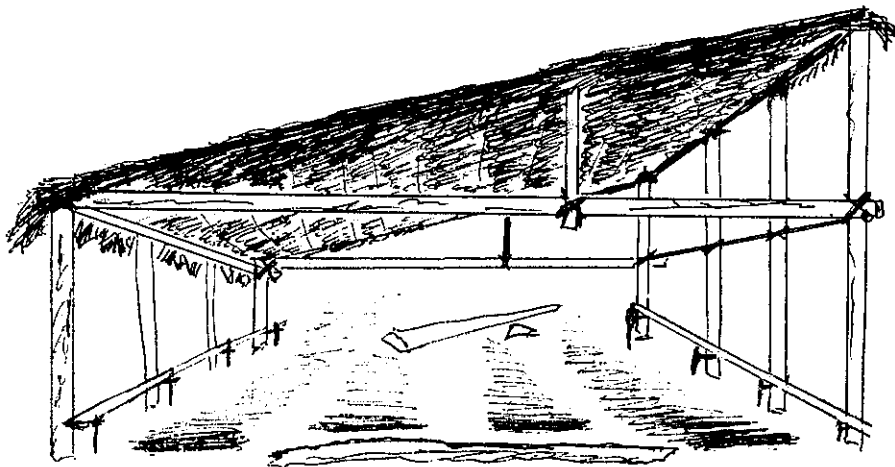
O encontro pareceu inaugurar-se de fato com a chegada do Catalina que pousou às 11,30 na pista do Cururu com três comitivas a bordo. No imenso gramado via-se uma multidão de índios com os chefes, os adultos, as crianças. Muita alegria e e moção nos cumprimentos. Foram os Munduruku que convidaram, por carta, os chefes indígenas e os missionários. Cada família índia hospedou um ou mais índios convidados. Os missionários se alojaram nas dependências da Missão. Logo houve almoço e no início da tarde a turma se dirigiu para o local das sessões.

A Coordenação do encontro

O encontro teve uma coordenação com a finalidade exclusiva de ajudar na dinâmica. Era composta de índios e missionários. Reunia-se entre uma sessão e outra, preparando o passo seguinte.

O local

Os próprios Munduruku organizaram o local do encontro a um quilômetro distante da sede da Missão. Para ir até lá era



preciso atravessar de canoa um pequeno igarapé. O local dispunha de um grande rancho de palha, com bancos de ripas de palmeira, com suportes fincados no chão. Inicialmente fora pensado como área de cozinha e dormida dos participantes, mas logo resolveram que serviria apenas como local das sessões.

1a. Sessão

Esta sessão contou com 60 participantes índios e 9 brancos, e foi de apresentação mútua. Consultada a assembléia sobre a conveniência ou não da participação da jornalista, todos concordaram que permanecesse. Durou toda a tarde. Vários Munduruku falaram em sua própria língua. Bem assim os dois Tiriyo. Mas logo outro índio traduzia. Falavam de pé, no meio do rancho. Enquanto o tradutor falava, o autor do depoimento ficava a seu lado.

Combinou-se uma pequena merenda no intervalo das sessões da manhã e da tarde.

À noite houve cantos e danças dos Munduruku e Nambikwãra.

SEGUNDO DIA

Continuaram pela manhã as apresentações até o último taxaú.

À tarde decidiram trabalhar em pequenos grupos, denominados "aldeias", com nomes próprios e integradas por seis índios de nações diferentes.

O objetivo desta nova dinâmica era executar um levantamento de todos os problemas das tribos, em seus aspectos positivos e negativos.

À noite fizeram uma grande fogueira na área da Missão e os Munduruku, homens e mulheres, dançaram ao som de cinco buzinas.

TERCEIRO DIA

As sessões desse dia foram privativas dos índios, sem a presença de nenhum branco. O objetivo era a busca de soluções para os problemas levantados. O chefe do posto da FUNAI, tendo ido ao local com dois companheiros, também da FUNAI, foram solicitados pelos índios de se identificarem e tiveram sua participação impedida, visto tratar-se naquele dia, de sessões exclusivas dos taxaús.

No fim da tarde tiveram uma partida de futebol e à noite cantos e danças.

QUARTO DIA

As sessões da manhã constaram de relatórios dos assuntos tratados no dia anterior para que os encarregados pela coordenação os anotassem.

À tarde, a fim de ganhar tempo, fizeram a sessão no parque da Missão, à sombra das mangueiras. Os índios deram suas apreciações do encontro e apresentaram já seus agradecimentos e despedidas. No fim da tarde, os chefes locais convidaram todos os presentes para uma refeição em comum, que constou de carne moqueada pelas índias e farinha de mandioca. Como bebida ofereceram caxiri à base de garapa de cana. Esta trazida por um chefe, de sua longínqua aldeia.

À noite as danças se animaram. Até os Tiriyo dançaram em trajes típicos, com muito agrado de todos.

QUINTO DIA

No momento da partida dos primeiros chefes, os Munduruku ofereceram aos missionários e tuxáuas uma chicha de buriti, em frente à casa do Francisco Akai.

Os demais índios aguardaram a chegada do avião da FAB.

No dia 14, pela manhã, partem as comitivas de Óbidos, Macapá, São Félix e o índio Xerente (Tocantínia) e às 11,30 do dia 15, partem as comitivas de Diamantino e Guiratinga.

Caciques participantes

<u>NOME</u>	<u>TRIBO</u>
Warū	Munduruku
Aviri	Tiriyo
Musōku	Kaxuyana
Yananxí	Irantxe
Manhuarí	Munduruku - aldeia do Wamerí
Txibaibou	Bororo
Wairotsū	Xavante (representante)
Sampré	Xerente
Txuāeri	Tapirapé
Tauhē	Munduruku - aldeia S.Maria
Nasau	Tiriyo

<u>NOME</u>	<u>TRIBO</u>
Piry	Apiakã
Datxê	Munduruku - aldeia Watiri
Borúm	Munduruku - aldeia Carroçai
Axikaruçauã	Nambikwãra
Yotobimaïnbe	Munduruku
Yupareipê	Kayabi
Hakãî	Munduruku
Hakãî	Munduruku - sub-chefe da aldeia do Pratati
Krixi	Munduruku - aldeia Lago do Junco
Kabuibe	Munduruku - Missão Velha

1a., 2a. e 3a. SESSÕES

Apresentação de uns aos outros

* Warú (Agostinho - Munduruku): - *Padres vieram de longe. Eles querem nós mesmo. Por toda parte eles igual padres Franciscano. Os padres criaram nós. Frei Hugo, Frei Luiz me levaram para estudar um pouco, depois voltei para casar. Meu filho esteve também em Belém. Estudou escrevendo e estudando mais do que eu. É motorista tratorista. Os padres vieram as - sistir nós no R. Cururu. Nossa terra mesmo. Legítimo brasileiro, não temos mistura. Brasileiro mesmo. Essa terra nossa mesmo. Os brancos não podem entrar. Nós duro mesmo.*

* Aviri (Tiriyô) (traduzido por Musôku - Munduruku): - *Não sou chefe. Sou gente a ufa. Primeiro sô pai e mãe moravam nos sa maloca. Quando mãe estava com dores ele nasceu mãe morreu. Foi criado não com leite mas com garapa no algodão, banana. Quando grande o pai levou ele para o Rio Marapí. O pai morreu. Que posso fazer da minha vida? Plantação. Pensou que estava só. Depois outros chegaram. Mandou chamar outros parentes. Ficou como chefe porque foi criado com os frutos da terra. Depois nunca tinha visto os caraiba (civilizado). Só conhecia holandes, americano. Não conhecia brasileiro. Os americanos levou ele para a outra missão no Suriname. Ele não queria ser protestante, crente. Depois chegou o finado Protásio, fazer civilização. Perguntou quem era. Disse: dono da*



Legítimo brasileiro. Não temos mistura. Essa terra
nossa mesmo. Os brancos não podem entrar. (Warú).
Nós debaixo do céu, na cabeceira do rio tem índio,
mas um corpo só. Língua diferente, nós tudo igual,
todos primeiro usava a mesma tanga (Aviri).



terra. Não tinha parentes chegados. Ficou chefe. Agora está de reserva, está um pouco retirado. Não é como primeiro que manda na nos trabalhadores. Gostou desta reunião. Nós debaixo do céu, na cabeceira de todo rio tem índio, mas um corpo só. Língua diferente, nós tudo igual, todos, primeiro, usava a mesma tanga. Brasileiro criado fora, estudar. Nós nem todos boa cabeça para estudar. Os filhos homens rapazes estuda só a língua deles. Portugueses só pouco.

Musôku (Kaxuyana):- Falara da minha aldeia como foi antigamente. Não conheci os velhos. Quando me entendi, já tinha marreteiro, negociante. Antigamente nós muito pobre, sem faca, machado. Nós não conhecia os padres. Sô marreteiro. Ensinaram caçar, fazer sarga (peixe aberto salgado). Agora estou vendo que faziam covardia com nós: vendiam coisa cara, até cachaga. Nós era como menino. Quando manda fazer alguma coisa ele faz. Depois missionários, Frei Fortunato, chegou lá. Meu irmão mais velho podia contar. Para nós a nossa vida era boa. Missionário falou: Todo canto tem missão Cururu, Tiriyô. Vocês não gostam de ir para lá. Nós não conhecia, como passar para lá. Vou dar um jeito. Falar com D. Floriano. Passado um ano voltou junto com bispo e falou: Nós sabemos que vocês estão passando mal, nas mãos dos pretos, dos marreteiros. Trabalham como burro pra outro se enricar, tomando chuva, ficar doente. Vou telegrafar pra Belém pedindo avião. Será que virá? Marcou dia e chegou com motor grande, levou rancho. Foi só embarcar. Os marreteiro foram em cima dele. Mostrou papel que nós estava devendo. D. Floriano não deu confiança, mandou embarcar. Fomos para Óbidos, depois para Tiriyô. A terra não é nossa. Chegaram 39. Atualmente são 66 ou 67. Estão pouco acima. Tem casa também na missão.

Yananxi (Irantxe):- Fui convidado. Fiquei de acordo para conhecer povo daqui. Viemos pouco, avião pequeno. Como nosso amigo estava dizendo, a missão ajuda com remédio. Tendo reserva, nós não deixa branco invadir. Nós precisa da nossa área. Outro chefe, Alípio, primeiro. Depois fizeram reunião escolheram eu. Disseram: vamos resolver um caso, vamos ver quem vai ficar chefe toda vida. Se vocês concordar. Até hoje estamos bem. A missão ajuda salvar a vida da gente para continuar a vida para frente. Nós precisa da nossa área. Muito índios no Brasil. Se outros índios tiver problema de terra, nós podemos acudir para vocês.

Manhuarí (Oscar - Munduruku - aldeia do Wamerí): - Fomos convidados pelos tuxáuas daqui. Estou satisfeito em tudo com parentes, que vieram de longe. Nambikwára, Apiaká é meu primo. Estou alegre e satisfeito. Não sei se todos estão satisfeitos. Não sou munduruku. Nasci no Igarapé onde estou morando. Tenho dois nomes Manhuarí e Baurebé (munduruku). Quando me entendi já havia padres. Missão Velha, Frei Luiz, Frei Hugo. Mãe Coleta brasileira outra alemoa. Finado papai não sabia ler e escrever. Era índio. Mãe era civilizada. Por intermédio de Frei Luiz e Hugo eu vim para cá. Estudei um pouco. Não aprendi bem. Aula era pouco. Eu já era rapaz. Nós tinha serviço. Trabalhar um pouquinho. Frei Plácido, ele mesmo ia levar merenda pro centro. Pessoal conseguia madeira. Tinha só casa. Estudei um pouco. Não sou sabido. Escrever, rezar de tudo um pouquinho. Estou satisfeito com esses padres. São pai. Tudo mundo está satisfeito com os senhores, que vieram de longe. Meu pai era Kokama do Alto Solimões.

Txibaibou (Lourenço, Bororo): - Vizinho dos Xavantes. Sou chefe para as terras. Meu pai é chefe geral: Eugênio Aidji. A tendemos convite, Xavante, Tapirapé e Bororo em sinal de união. Todos somos brasileiros, mais brasileiros do que os civilizados. Somos filhos legítimos desta terra. Temos todo direito de ter um pedaço de terra, nessa terra que é nossa. Os brancos querem tirar nossa terra, querem acabar com nós. Devemos estudar como nos defender dos brancos e temos esperança de vencer os fazendeiros. Os branco consideram o índio como bicho, mas somos gente como eles. Temos corpo, temos alma, sabemos pensar. Devemos confiar nos padres que defendem nós. Até dá a vida por nós. Nosso problema é terra. Temos muita briga com fazendeiros, como Pedro Xavante. Temos confiança nos padres. Não podemos confiar muito na FUNAI, porque ela ajuda os fazendeiros. Estamos aqui para saber como defender nossa reserva. Um vai ajudar outro para saber como fazer.

Wairotsú (Pedro, Xavante): - Vou representar minha tribo. Não sou chefe. Chefe ainda está em Brasília. Há sete anos estamos lutando pra conseguir um pedacinho só. O branco está ocupando tudo, por isso cortamos um pedacinho só, para poder caçar, pescar, viver. Fazer outra aldeia. Muitos fazendeiros não querem sair, não querem deixar nem mesmo com polícia. Vai na casa deles e dizer que não quer sair. Mesmo assim vamos lutar. O Brasil era cheio de gente, de índio que vivia espalhado. Nós junto com vizinhos Bororo estamos lutando. Até seis

meses atrás, um ano atrás, fomos visitar outra aldeia Xavante. Chegaram à noite. De repente chega a notícia que lá onde eu estava ia sair confusão. Os brancos iam atacar. Nós vamos atacar também. Ninguém tinha coragem de entrar. Pedimos socorro a Cuiabá. Vem tenente, polícia, que pega revólver, metralhadora, canhão. Sabem que é canhão? Os missionários nos ajudando. Viajar noite inteira para não sair confusão. Nosso diretor para não sair confusão. Ainda não entregaram terra para os índios. O decreto já saiu. Falta só isso: dinheiro para indenização. Isso queria dizer para vocês, para saber o que nós sofremos para defender nossa gente. Missionário que estão dando por nós a vida, dando conhecimento para nós. Porque o branco vai aumentando, só o índio ir para o abismo. Nós podemos ficar mais amigos conhecendo índios de outras tribos. É a segunda vez que estou participando dessa reunião. A outra foi em Diamantino. Todos os Xavante saber o que fazemos, como são os outros índios. Nas aldeias muitas perguntas. Vou contar.

* Sampré (José Carlos - Xerente):- Meus irmãos, chamo de irmãos porque sou índio. Sou irmão da mesma cor, do mesmo massacre: Tenho o mesmo sangue. A recepção foi uma surpresa, que gostaria que fosse para autoridade. Tive vontade de me afastar. Precisei me controlar. Tive um grande abalo vendo a recepção. Criança correndo alegre. Conheço muita aldeia, onde vi muita pobreza. Carro entrando nas aldeias. Só conhecia os padres pregando sermões. Não conhecia os padres defendendo os índios. Aqui vi o direito que eles mostram e dão. A mesma coisa que os Xavante, os Karakati e outros precisam de um turrão para cavar um buraco para tirar água. O CIMI e a Missão só terão força com o grito de vocês. O CIMI espera o apoio de vocês.



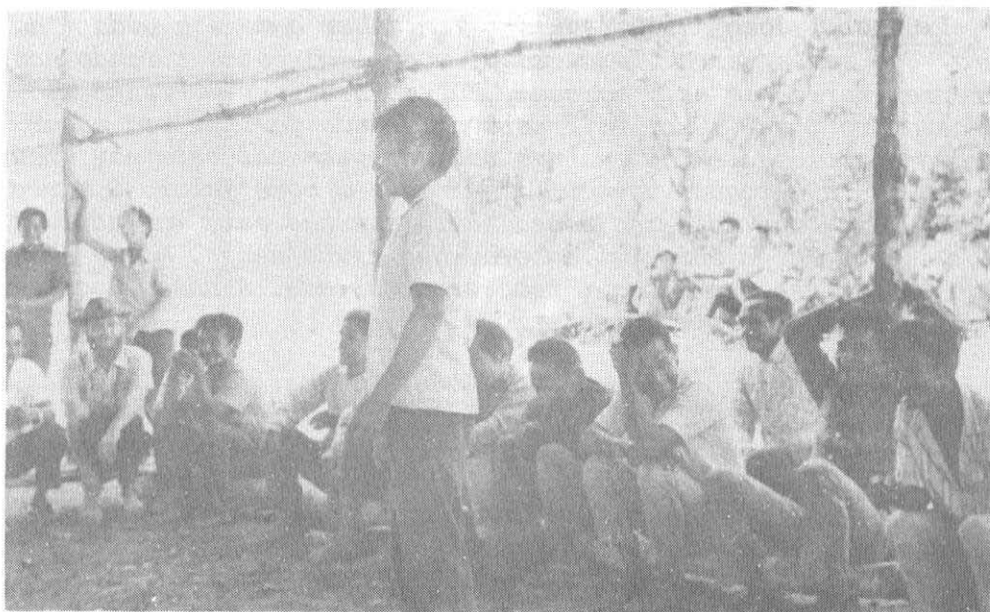
* Txuãeri (José - Tapirapê):- *Vim saber como é a vida do índio. Não temos terra. Temos casa, roça, mas estão tirando nos sa terra. Terra não está marcada. Eu não queria vir. Tenho mi - nha casa pra fazer. Quem vai? Estava fazendo farinha pra pagar a arara de D. Tomás. Acho que não vou, ninguém vai terminar meu serviço. Está marcado, você vai. Ma não sei como falar. O Marco (chefe) falou que falar de nossa terra que não está marcada. A FUNAI esteve lá, depois foi embora. Não ajuda a nós. Marco falou para ver dse índio daqui tem terra marcada. A nossa não está marcada não. Só nós fazendo roça.*

Tauhê (Floriano - Munduruku, Aldeia S. Maria): - *Prezados padres e amigos índios. Eu também sou índio. Meu pai foi Munduruku. Estudei no colégio dos padre. Escrever e contar pouco. Muito satisfeito com estes aqui no meio de nós e Munduruku que vieram de longe. Eu gastei um dia de casa até metade do caminho, de canoa. Vim porque fui convidado pelo chefe da Missão S. Francisco. Sou chefe. Vim representar no meio dos meus parentes. Se nós ajuda a Missão, a Missão ajuda a nós. Nós compra café, açúcar, querosene, munição. Compra pouco mas dá pra viver.*

Nasau (Mário - Tiriyo, traduzido por Mosöku):- *O chefe da Missão falou sobre nossa missão. Ele veio para conhecer a terra. Foi convidado pelos amigos. Ficou alegre. Gosta de andar. Não é velho, mas sabe e manobra trabalho. Primeiro eles não gostava de ninguém. Maltratavam, judiavam. Não gostavam que ninguém vinha na aldeia. Depois missionário chegar. Também não gostar. Frei Protásio aprendeu a língua deles e depois ensinava na língua deles. Agora gosta de todo mundo: de vocês, de outras pessoas. Eles brigam também com nós. Só escuta falar. Missão Cururu. Viemos para conhecer bem a vivência. Perguntou se nós está gostando dele. (Naturalmente, responderam todos).*

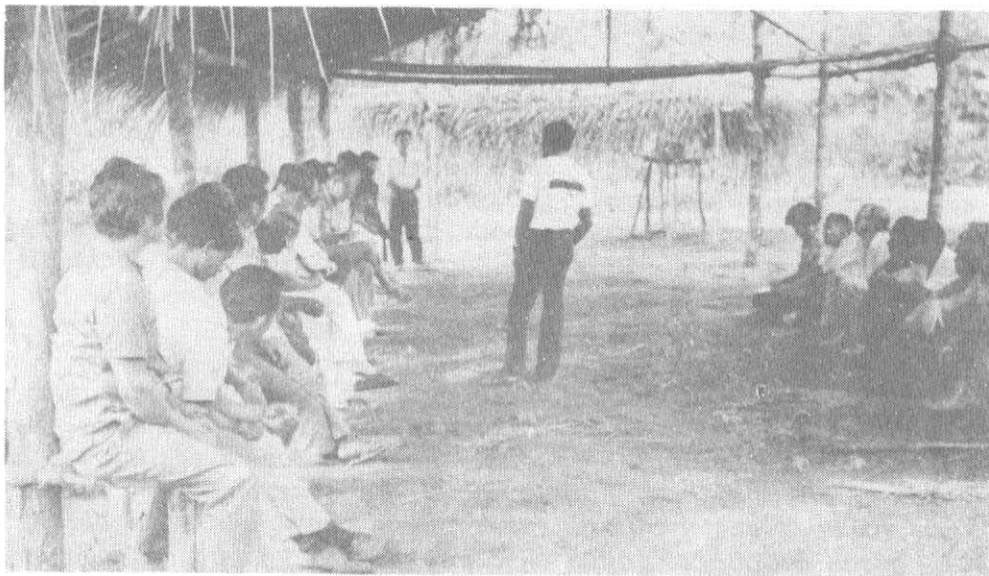
Lã tem grupo da mesma tribo, mas não gosta que gente vai pelas casas deles. Pergunta se pode ir pelas casas de vocês e falar com qualquer um. Primeiro não era cristão, não conhecia Jesus, Deus. Eles pensavam que o Deus era o pai deles, que mano brava tudo.

Piry (Pedro - Apiakã):- *Vim convidado pelos nossos patri - cios. Índios que não conhecia. Xavante, Bororo já conhecia. Outros não conhecia. Vim para estudar nossos problemas. Quem vinha eram meu irmão, mas muito gripado. Escolhemos, vim eu. Derubamos cinco alqueires para fazer pasto para gado. Ter leite para nossas crianças. Leite está muito caro. Há pouco dos nos-*

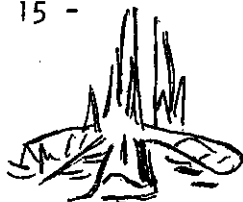


Está muito satisfeito com seus colegas Índios (Akai)

Nões sabemos que vocês estão passando mal, nas mãos dos pretos, dos marreteiros. Trabalham como burro prá outro se enricar, tomando chuva, ficar doente (Mosôku).



que estão pelo mato, Os antigo andaram por aqui, fazer fogo no mato para tomar as mulheres. Estão ainda se parados.



Datxé (Pedro - Munduruku, aldeia Watiri - traduzido por Waru, Agostinho):- Conhece todas as malocas velhas. Conhece esses rios. Onde vocês vai morar toma conta deles. Ir trabalhando com os padres. Eu fiz minha casa aqui. Dar tratamento minha filha. Plantar café, laranja, toda plantação. Quando estou ajudando missão cortando borracha. Os padres não podem ficar lá. Água muito fria. Andar a pé. Depois foi acostumando. Meu sogro foi criado assim. Eu casei com filha dele. Agora não tenho mais filho. Sô pequeno. Agora estou ajudando todos. Estou bem aqui.

Borûm (Aracy - Munduruku, Aldeia Carroçal):- Estudei aqui. Vim para conhecer índios novos. Meu pai morreu aqui. Eu sempre venho de vez em quando, quando faço produto. Os padres são bons para todos. Gostam das pessoas. Farinha, sorva,, os padres compra e vende pra baixo, pra nós comprar. Eu trabalhei. Eu não sou sozinho. Tenho muitos irmãos. Estou garantido. Deixar pais e irmãos é muito duro. Conheço até Cabruã. Conheço rios. Nasci no campo. Fui descendo no igarapé. Escolhi lugar Carroçal. Desse lugar não saio mais.

Axikarucauã (Antônio - Nambikwãra):- Posso falar. Gente tem boca, falar. Eu chefe de tudo até onça. Padre não sabia. Iasi não sabia. Serra Azul: Pessoal posto gasolina, moço eles mataram ele. Tomás não sabia. Roberto, meu primo trazer notícia. Ele escutã no ônibus, estrada grande. Ôi, você não falar pra Tomás pra Funai. Tirar gente, deixar só pouquinho. Eu não quero índio mistura com branco. Roberto trazer notícia. Eu guardar escondida. Chefe não tem coragem. Tem dois chefes. Aristides, mas não aguentar. Mulherada dele não gosta viver perto Uirapuru. Eu fosse lá tem coragem. Vou até lá a pé, até Serra Azul. Cinco rios, dez dias de viagem. Vai a pé. Ônibus muito caro. Chefe deles Aristides não aguentar. Eu aguentar. Eu fui com americano conhecer Paranatinga. Conhece de tudo. Pessoal não conhece nós índios. Pensa que é gente do mato. É gente, não pode correr atrás. Arma assusta eles. Por isso correr. Não pode correr atrás. É gente. Eles atacar gado. Tito correr atrás não pode. Eu falar padre não trazer munição pra ele. Fala escondido esse passageiro: não pode falar esse padre. Vou Serra

Azul. Sr. Fritz não cuida nada. Não tem boca pra falar. Eu teinho. Fazer força. Trazer tudo pra cá.

Nota ao depoimento de Axikaruçauã:

Refere-se aqui ao fato ocorrido nas áreas próximas à reserva dos Índios Nambikwāra:

Três índios Nambikwāra, depois de trabalharem durante semanas, para brancos, reclamam o pagamento. Foi-lhes negado. Resolveram ir para sua aldeia e foram ameaçados. Dormindo em um rancho, tiveram um branco, armado de revólver, para impedi-los de sair durante a noite, permanecendo com eles no mesmo rancho. Um dos índios, após combinação prévia, fez intenção de fugir e foi logo impedido pelo branco; seus colegas, então, deram com um pau na cabeça do branco, ferindo-o mortalmente. Feito isso, arrastaram o corpo até perto de um córrego e o enterraram. Fugiram para sua aldeia. O corpo foi descoberto no dia seguinte e logo iniciaram as diligências para averiguar os culpados. O branco era o responsável por um posto de gasolina na BR-364, próximo à reserva dos Nambikwāra. Os índios acima referidos e todos os seus parentes ficaram quase dois meses desaparecidos no mato. Aos poucos, quando a ação de repressão ou busca acabou, os índios voltaram a ter menos medo e retornaram para suas aldeias.

Ultimamente, os índios estão falando que o índio responsável pela morte do branco, foi levado para Cuiabá, iludido, e até agora não voltou, e desconfiam que esteja preso.

Yotobimainbê (Lauro - Munduruku):- *Meu pessoal chegou. Fui chamar todos, não foi padre não. Eu mesmo chamar todos. Índio nosso não é brabo não. Quase civilizado. Chamamos todos. Conhece pessoal novo do mato. Padre também não conhece. Queremos falar um pouco para conhecer. Aquele compadre, aquele que vem do campo do Cabruã não conhece. Eu me criei aqui. Pequeno não tem roupa, padre mudar roupa. Depois fui embora. Depois voltar meio grande meio brabo. Papai, já velho contava tudo para mim. Nós de antigo não vai por esses campos de Cabruã. Não chega perto de branco. Já vem barco grande flechar canoa, e depois vai embora. Flechar da beira da canoa. Chega beira do Cururu. Frei fazer maloca. Ninguém conhece, só giria. Estudar pouco. Eu não estuda. Não me criar aqui. Se fazer casa aqui no meio dos pais e das irmãs, fiquei bom estava muito doente. Agora todo o meu pessoal que estava fora, vem tudinho. Eu mesmo avisei. CA-*

pitão está tudo morto. Só gente nova. Antigo não tem mais, só pouco velho.

Yupareipê (Francisco - Kayabi):- Dá licença. Falar um pouco. Vim aqui. Irmão chamar. Navio buscar castanha. Falar pouco língua. Fui criado no meio civilizado, Paranatinga. Agora conhecer língua. Vim aqui pra conhecer. Xavante, Bororo conheci. Outro, esse aqui não conhecia. Antigamente foi assim. Nós não ter machado. Era pedra. Não tem fogo. Primeiro era pagão. Agora civilizado, batizado. Nosso Pai do céu. Antigamente tinha pai, mãe não conhecia. Criado Paranatinga. Antigamente meu pai contava. Aquele passarinho. Apiakã queria, turma não dá. Turma não dá pra ele. Pessoal vai embora, vai procurar periquito, passarinho, que vi aqui mesmo. Primeiro nós morar junto. Sair briga. Não é briga, só divisão. Pessoal não dá passarinho. Eu primeiro que acompanha padre João. Conheci tudo lugar, cabeceira do Paranatinga. Primeiro não conheci civilizado, não tem ferramenta, como viver? Meu pai chamar pra ficar junto com ele. Conhecer meu pai. Trabalhei tudo lugar. Fui pra Curitiba, um mês, três meses. Depois tinha índio bravo, canoeiro. Com padre ir amansar canoeiro. Agora conhecer padre. Gosta do mundo amigo. Vem meu casa eu dar comida. Bebida não ter, dar comida. Eu levantei posto. Meu pai foi e meu cunhado. Polícia buscar nós. Eu fui lá. Armamento pra lá. Eu não sou bo-bo, não, eu falar. Agora fazendeiro que vem eu fui pra cima dele. Agora japonês já não aparece mais. Esculhambou nós. Mandei empregado FUNAI, não mexer com nós. Amansar nós não, nós entrar no meio do civilizado. Agora cristão, batizado. Não faz confusão. Padre João falar. Seu pai fazer assim. Dois barcos chegam. Machado ir pra cima.



Hakãí (Francisco - Munduruku):- Não sei falar bem português. Falar pra todos. Vieram aqui com nós cinco. Tapirapê, Kayabi já conhece. Esse (Irantxe) não conhece. Sou criado a-

qui, mas nasci lá em baixo. Estudar um pouco, escrever. Estou trabalhando como mecânico. Sei pouco trabalhar. Com três mecânicos: nosso chefe primeiro alemão, agora nosso chefe Frei Evano.

* Hakãi (Hugo - Munduruku, sub-chefe da Aldeia do Pratati, traduzido por Floriano):- Prezados amigos. Ele falou assim: Como ele é um tuxãua da aldeia dele e o irmão mais velho Hilãrio. Ele não é velho, mas o pai foi velho. Primeiramente mora na cabeceira do lago onde mora Tomê (Bom Jardim). Ali se criou. O pai o levou lá. O pai morreu. Ficou como tuxãua. Disse que a FUNAI queria entrar a força. Tomar terreno da aldeia. Eles não consentiram que FUNAI tomasse a aldeia. Não é os padres que não quer. Nós índios não consentimos que a FUNAI entrasse no meio de nós. Ele trabalha, entrega produto aqui, compra o que precisa. Os padre tratam bem dele. Eles também tratam bem dos padres. Eles tem roça, café, laranja, roça. Agora, disse que mandou menino buscar cana pra tirar garapa e fazer mingau pra tudo nós. Ele está muito satisfeito com seus colega índio. Os antigo também, aos outros que vêm de longe eles dá boia e bebida. Assim também ele quer fazer.

* Samprê (Xerente):- Fiquei muito satisfeito em saber que os irmãos não apoiaram a FUNAI. Ela não dá assistência que os padres dão. Quando índio sabe, quando vai até Brasília, FUNAI diz: esse índio é safado, não presta. Vocês foram convidar os patrícios do posto da FUNAI, eles não deixaram vir. Eu vi coisa que não tem em posto algum. Eu vou voltar à minha aldeia do Funiã, pois sei que lá tem irmã. FUNAI não deixa padre entrar na aldeia. Quem bem soubesse, não aceitaria a FUNAI. Ali está a comadre (referia-se à jornalista), que vai langar publicamente, mas vou falar. Essa reunião é uma força para planta que está seco crescer.

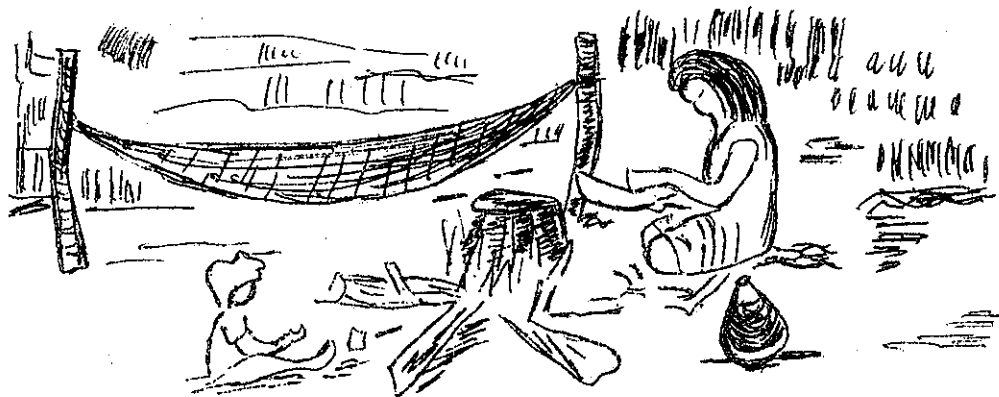
Kruxi (Juliano - Munduruku, Aldeia Lago do Junco - traduzido por Antônio):- Meus irmãos, o pessoal vieram de longe, os padres, os índios é a mesma pessoa nossa. Está perguntando se tudo mundo está satisfeito. Nós também estamos satisfeito com os padres e irmãos que vieram de fora. Ele trabalha na aldeia pequena para fazer um produto e vender aos padres, para comprar mercadoria.

*

Kabuibé (Antônio - Munduruku - Missão Velha - traduzido por Floriano):- *Tinha cinco velhos antigos. Depois morreram. Pai dele foi muito velho, não podia mais trabalhar. Os irmãos dele trabalhavam para o velho. Primeiro pai morava no campo, muito longe. Naquele tempo vinha comprar o sal a três dias de viagem a pé. Depois mudaram mais perto, lugar Kapitú. Vieram mais perto porque a Missão mudou para cá. Eles ficaram na missão velha. Ele ficou como chefe. Primeiro são muito, noventa e tantas pessoas. Agora se dividiram. A metade no baixo, moravam aqui no Junco na aldeia dele. O filho dele queria vir para cá, com muita vontade dele. Então veio com pessoal todo. Ele faz produto, vem aqui. Daqui pra baixo não tem comércio. Os padres foram bons. Frei Hugo, Luiz. Depois chegou Fr. Plácido. Se algum dos colega aqui for à casa dele, vai levar pra dentro abraçando mesmo.*

*

Txuãeri (José - Tapirapé):- *Eu acho que a terra dos Munduruku está marcada. Aqui tem padres. Parece três ou quatro padres. Lá não tem padre. S FUNAI. Nós falar pra FUNAI mandar arame. Ela não mandar porque com arame ela ficar com terra. Aí, só pensar, na Takana. Não falar pra FUNAI. Está pensando como fazer. Nós ia acabar, antigamente só duas casas. Agora aumentar. Precisamos terra. Fazendeiro não gosta. No tempo do padre Francisco (dentel) é também assim: fazendeiro tirar terra dos posseiros, pessoal falar que precisa assustar para ver que Tapirapé querer matar posseiro. Nós não briga não. Se ele matar nós mata. Nós era muito, está acabando. A polícia foi até na aldeia. Um barco cheio. Marco disse que se vier polícia, não deve correr. Polícia encostou. Todo mundo foi ver o que quer. Índio Tapirapé não vai armado na aldeia de outro. Índio não é bicho, não é porco porque ir armado?! Eu venho aqui para ver. Não tem quem cuida minha mulher.*



Não tem pai. Só mãe de criação, mas marido está doente. Não sei se meu irmão está cuidando de meu filho. Tenho três irmãs. O menino é danado, quer comer sempre. Pai de minha mulher morreu, matado por meu tio, porque eles mataram o pai.

4a. e 5a. SESSÕES

Trabalho em grupos

ALDEIA UE (Cativara)



Participantes: Xerente, Bororo, Munduruku e Nambikwãra.

Disse o Xerente que todos sofrem o mesmo massacre. Invasão de civilizado, matando filhos. Estamos sem apoio. FUNAI não defende. Pessoal joga gado em cima da terra do índio. Aldeia de Funil está a Irmã. Os curador mais velhos estão se acabando, os novos não tem mais o conhecimento que os velhos tinham. Até a polícia de Tocantínia atacava os índios montada a cavalo. Outros índios da região também sofrem sem atendimento. Quando se chega índio já morreu. A FUNAI não paga hospital. Assim se vive ali na região dos Xerente. Agora fizeram a reserva lá. O Inspetor de Belém (Delegado Regional da FUNAI) não atende a gente ali porque diz que pertence a outra delegacia. Vou sair para longe da FUNAI e vou para a Missão. Vou para longe da FUNAI e vou para a Missão. Já sofri muito com o SPI. Xerente ainda fazem festa, dança, festa do inhame, do mel, do corte de cabelo. Têm a sua língua. Quando chegam da caça não arriam logo, mas esperam chegar curador velho. Ali arriar devagar. Curador velho canta e reza pra Deus. Quando -

filho nasce fazem resguardos. Pai não come farinha de puba, - não mata cobra, não ajunta pena, não come mel sô depois que - passou mel na cara. Quando morre alguém choram. Quando índio vai viajar reúnem com ele e cantam e choram com ele. Aí ele - vai se tratar longe. Quando volta é outra festa de alegria - porque ele foi e voltou. Quando lua sai bonita, todos cantam.



Cantam de cabeça baixa. Sô chefe olha pra lua. Toda lua cheia nós canta e faz festa. Mas desde que veio a civilização sofre mos demais. Veio a gripe que não tinha antigamente e os curador já também não conseguem mais curar. Tuberculose é que mais maltrata Xerente hoje.

Falando o Índio Nambikwára disse que na sua terra também é assim. Caçam também de noite, aí matar bicho, aí chegar. Mulherada fazem chicha. Carne secar. Aí cuinha pequena sentando todo mundo fileira, pegar chicha beber. Comer beijú aí fazer festa. Outro dia caçar de novo. Caça um pra cá outro pra

lã. Filho também vai caçar. Outro dia matou cepo de veado. Aí chamar mim e traze pra casa. Chamar gente, dividir caça com toda aldeia. Fazer chicha e beber. Tem serviço bastante, tem canavial, seis roças, derrubada grande, arroz. Está perdendo porque falta saco. Querem fazer farinha pra vender. Usa tanga, enfeite de braço e perna. De antigo tem ainda bastante. Usam remédio de mato, mas não tem para doença de civilizado. Experimentar remédio de mato, mas não ajudar. Pedir Padre arrumar remédio doença civilizado. Agora nós tem. Tem cooperativa. Neste ano não aconteceu doença grande. Está bom. Tem grupo em baixo' que não quer chegar. Branco vai apertando. No lugar Serra Azul eles quer matar branco. Vou sondar branco na estrada. Padre - vai junto na Serra Azul, falar com povo dali.

Os Munduruku plantam roça, colhem mel, fazem fogo, boia' depois come, preparam café mingau, caçam. Plantam milho, batata, cará, mandioca, banana. Farinha puba, manicoera. Fazem festa com dança.

ALDEIA KENEBIT TAIBIRIPKA (Muricizal)

Participantes: Apenas Índios Munduruku.

Traduzindo para o português o que foi dito pelos participantes, o Índio Floriano disse: Estes aqui estão mais acostumado com os padres, enquanto a FUNAI não fornece mercadoria. Aldeia Cabruã está mais ligada com FUNAI e vai para toda parte - fazer negócio: Jacareacanga, etc. Nós não temos queixa com os Padres, pois fomos criados. Só falta para mim é o café. Planei muito mais secou. Na minha maloca, eu e a mulher e os filhos e outros parentes, mais de 38 pessoas, vivemos unidos. E agora estou ensinando os meninos porque quero menino bem educado. Depois eles vem para estudar na missão. Tenho pouco dinhei

ro mas dá pra viver. Embora outro índio esteja longe, a Missão não esquece dele, quando estava doente, mandou chamar.

ALDEIA FORMIGA

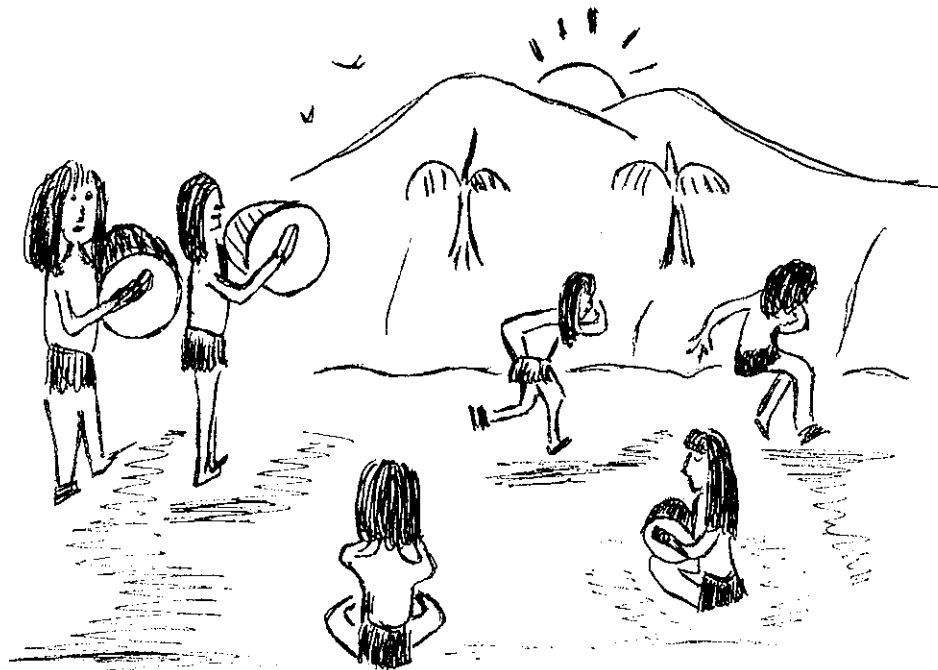
Participantes: Tapirapé, Irantxe, Munduruku, Tiriyo e Kaxuyana.



Para os Irantxe o trabalho vai bem segundo orientação da Missão. Os remédios são mandados pelos padres, mas o grupo os organiza, sem gente branca. A escola funciona. Nós mesmo arrumamos. Nós gostamos da missa, que o padre de vem em quando faz. No trabalho na roça padre não manda. O chefe dirige o trabalho. Nós mesmo temos que tocar pra frente. Certos problemas o padre é que leva pra frente. Está prometido a demarcação da área. É preciso ter o decreto da terra na mão porque dá mais segurança. Nós já temos. Nós tem problema com fazenda, mas elas cercam a reserva. Criamos gado para a comida, porque não tem lugar para caçada. Quando acaba trabalho tem festa de cinco flauta. Estamos fazendo esforços para voltar às festas antigas, conservar' enfeite, as flechas, etc.

O Tiriyo planta legumes perto da missão para casa, família. Cria porco, galinha. O grupo vive alegre, aos domingos - tem missa, à noite brincadeira e bebida. Hoje passa bem, antigamente não tinha recurso. Hoje tem remédio, farmácia. Só falta doutor. O mal é a gente da família que pede e não paga. Pedem faca, machado até rede, mas não pagam. Uma coisa ruim é enganar os outros. Gente tem que falar certo. Lá não existe FUNAI, só FAB e Missionário e também enfermeiro apoiado pelo governo. Escola foi trazida pelo padre, mas no momento não tem aluno nem professor.

Os Kaxuyãna plantam banana, cana porque nada tinham para comer quando chegaram. Só o missionário tinha. Tem muita criança e passando bem. Criam galinha e porco. Compram e vendem na missão. Tem plano de fazer capelinha e roça maior. Vivem com os Tiriyo há sete anos e vão bem. Não deixaram de dançar e cantar. Fazem isto entre outubro e dezembro, quando todo trabalho pára. Assim como as férias dos brancos. Os novos' não fazem enfeites. Ainda fazem seus instrumentos. Espécie de tambor. Instrumento de casco de tracajã.



Estamos bem na Missão, diz o Munduruku. Plantamos roça, arroz, cana, banana. Não foi o SPI. Também nós afastamos o pessoal da FUNAI que ia fazer o segundo posto. Quando ele fala que vai trazer chefe, a gente diz: deixa vir, que a gente bota pra trás. A terra é nossa, mas sem demarcação nem decreto. Nós bem sabemos o que é a FUNAI e o que ela faz... Toda mercadoria é trocada na Missão. A escola vai bem. Professora

não é Índia, Medicamento tudo dado pelo padre. Tem muita gente se tratando. Tem gado, mas é dos padres. São galinha e porco são nosso.

ALDEIA LAGO DA CIGANA

* Participantes: Xavante, Kayabí, Munduruku, Tiriyo.

Sobre problema de terra disse o Xavante: As terras deles estão demarcadas e que eles têm o decreto em mãos. Entretanto há ainda um bocado de posseiros dos quais se querem ver livres, mas está demorando a indenização dos intrusos, o que atrasa o despejo. Não querem estrada cortando a reserva. Foi iniciada mas conseguiram fazer parar a construção. A estrada dividiria a terra e o grupo; o pessoal que vai pela estrada - traz doença, atrapalha os índios, explora os índios porque - querem comprar barato e os brancos que são safados querem bulir as mulheres do índio. Daí nós botar todos os brancos fora da reserva o mais breve possível, não permitir estrada e combater com todos os meios essa estrada.

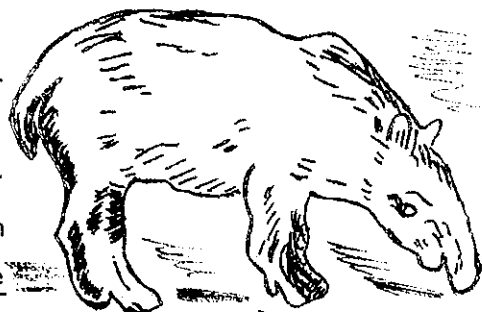
O Kayabí disse: tem terra boa e bastante, mas ainda não demarcada. Foi prometida para o fim de maio. Estamos esperando. Não existem posseiros nas terras. Só a questão com o japonês vizinho.

* Tiriyo: Nós temos dificuldade com os irmãos de tribo do lado do Suriname, que condenam as coisas dos velhos porque americano, pastor do Araraparú proibiu danças, cantos, festa, - bebidas também fumar. Tudo o que conhecia dos velhos, porque pecado, depois castigo, fogo grande, grandes chuvas, morrer - alma.

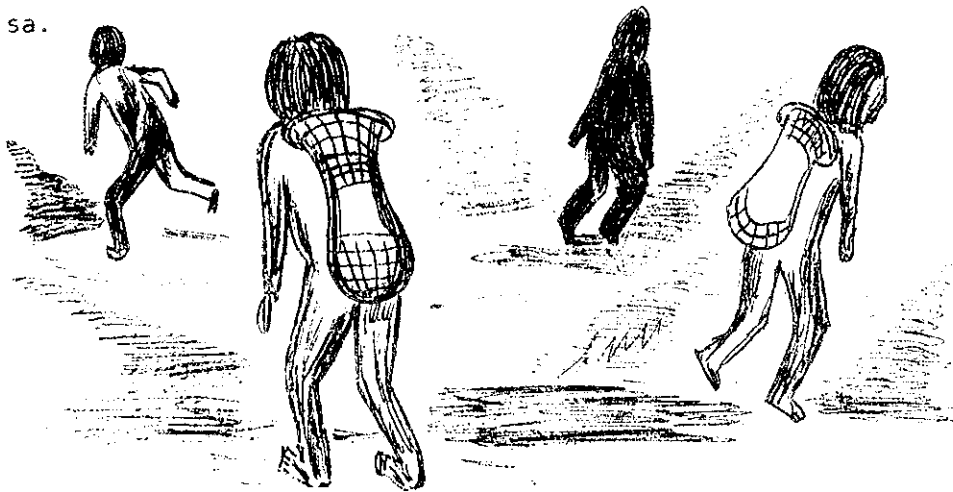
ALDEIA BIÔ (anta)

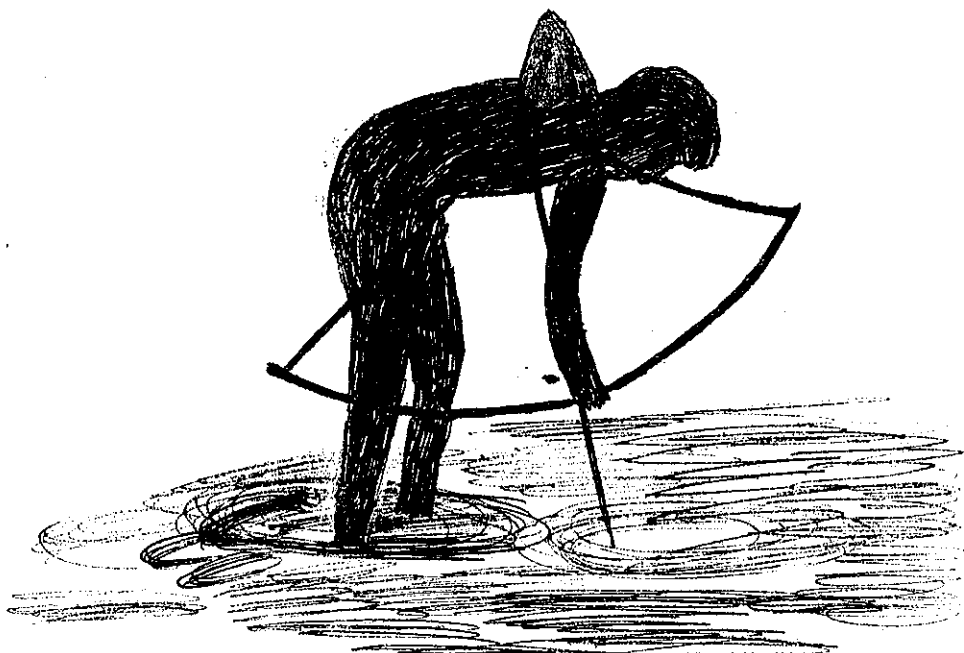
Participantes: Apenas -
Munduruku

Amâncio diz: Estou gos-
tando lá de casa. Bom pra mim
porque tem caça, queixada, cae-
tetu. Toda caça. Peixe também um bocado. Como à vontade. Tem
roça estou brocando para fazer outra: abacaxi, carã, cana, -
banana. As vez tem febre no pessoã, malária, desenteria. -
Quando fica doente procurar remédio na FUNAI. Somos seis fa-
mílias; tenho cinco filhos. Mais ou menos 50 pessoas. Umas -
20 crianças. Antigamente tinha as festas. Não estão preocupa-
dos com escola. Tinha até terceiro primário.



Em nome de Sauretian, disse ainda: Veio assistir festa
e ver pessoal que veio de longe. Não sabia se havia gente -
que vem de longe. Antigamente o pessoal daqui que foi com -
Caiapô, que morava aqui. Fugiram e espalhou: Apiakã, Nambik-
wãra. Tuxãua chamava Daibí, saiu daqui e virou Caiapô. Era -
Munduruku. Moravam muito aqui. Depois repartiram. Quando fo-
ram pro mato faziam guerra pra matar. Morreu muita gente nos
sa.





Vim em lugar de meu pai, disse outro chefe, porque ele foi pra Belém. Sô nós que mora lá: pai, mãe, eu e meu irmão.- Eu tenho tres filhos. Temos roça. Muito café plantado, banana. Faço roça sozinho; casa também. Tres meses fazendo. Mora no lago mesmo aqui. Muito tucunarê no verão. Pega com anzol. Caça com arma. Flecha sô peixe.

* Sau diz que Munduruku da Missão não tem mais festa, nem de iniciação, nem de casamento. Nem quando morre. Sô faz chorar.

Amâncio explica que no Cabruã tem tambor. Tem festa. - Faz mingau de manicoera e faz festa e toca instrumento. Aldeia Paratati tem. Convida os índios das malocas. Toca o instrumento que tem lá. Feito de pau ôco. Tem tres instrumentos. Mu lheres não podem ver. Toca dentro de casa. De noite sai pra fora. Toca noite toda. Dia clarear, guardar.

Krixí trabalha com os padres em carpintaria. Faz mesa, armário, etc. Dos sete filhos, quatro estão na escola.

Ninguém escreve em Munduruku, diz Amâncio. Tem americano, que dá livro de Munduruku. Vem aqui de vez em quando. Na FUNAI e na Missão. Algum da Missão trabalha na Companhia. Vem apanhar de teco. Uma hora de viagem. Fica um mês a três meses. Leva solteiros e casado também. Quem foi está gostando.

ALDEIA S. FRANCISCO

Participantes: Apiakã e Munduruku.

Para Apiakã tudo bem em assunto de terra. Estão aguardando demarcação para o próximo mês. Munduruku não tem noção exata dos limites das suas terras. Não estão demarcadas.

Os Apiakã conhecem dinheiro e utilizam-no. Produzem borracha, castanha, etc. Não trabalham para fora. Fazem comércio só com a Missão.

Os Munduruku não conhecem bem o dinheiro, embora o utilizem. Produzem farinha sorva, castanha, tapioca, artesanato, criação. Não têm gado.



Quanto à saúde não há problemas entre os Apiakã e Munduruku. Apiakã tem gente na aldeia que sabe aplicar injeção e dar remédios, que são fornecidos pela Missão, a partir do posto dos Kayabi. Os Munduruku, quando alguém fica doente, recorrem à Missão. Nas aldeias ninguém sabe fazer injeção. Não tem remédio.

Mais de um ano Apiakã não tem professora. Está procurando. Escola Munduruku tem só na Missão, mas professora é de fora. Criança de outra aldeia vem estudar na Missão. Fica na casa de parente. Adultos não têm instrução. Gostam de aprender - conhecer dinheiro e fazer conta, mesmo que não sabe escrever.

6a., 7a. e 8a. SESSÕES

Reunião privativa dos chefes para busca de soluções.

9a. e 10a. SESSÕES

Relatórios da reunião privativa

Txibãibou (Bororo) - Fomos convidados pelos Munduruku para ver problemas e modo de melhorar. Hoje vamos falar o que falamos ontem. Falar bem, falar mal? Falar verdade. Reunimos de boa vontade.

Sampré (Xerente) - Vou despedir-me dos amigos, da reunião. Vim de boa vontade. Não vim ganhando nada. Só passagem. O que precisamos é uma força de união para resolver nossos problemas. Estamos sofrendo. Meu chefe é Baioque. Pedi aos meus irmãos Munduruku para não vacilar e ficar unidos. Pedi a Deus para não desanimar no nosso sofrimento. Quero vontade de voltar para Aldeia Funil. Irei para lá para fazer força e dar uma força. Nosso sofrimento começou com o primeiro navio, que chegou ao Brasil. Na Aldeia Funil tem terra demarcada. Lá não aceita padre. Tem uma Irmã. Que Deus abençoe para chegar a missão para resolver terra.

* Marú (Munduruku) - Estamos unidos índios Munduruku, Xavante, esses todos colegas. Quando voltar para terra deles vão sentir. Estamos querendo bem deles. Padres missionários vieram para nos ajudar para melhorar nós aqui, o mesmo para vocês. Nossos avós -

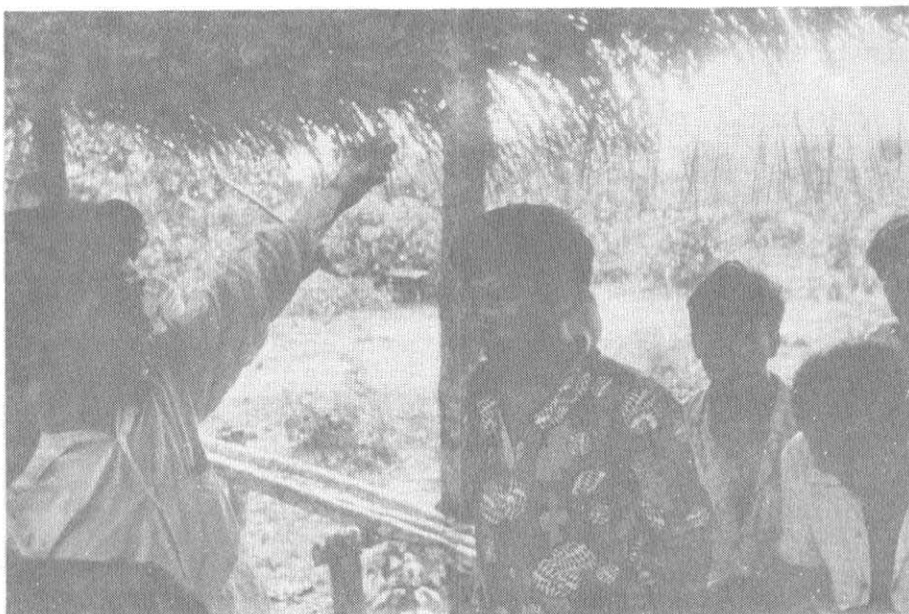
eram guerreiros, tomaram essas terras com muitas dores, mesmo. Agora nós índios Munduruku, os antigos eram guerreiros mesmo. Os Munduruku cercavam o navio lá no morro no Santarém. Milhares e milhares de índios lançando flecha. O navio recuava. Mundurukuguerreiros por toda parte. Meus avós contavam isso. Nós mesmo estamos espalhados. Aqui nos campos, maloca Karakupí. Ainda nós conhecia pedra onde fazia beijú. Naquele tempo ainda não usava farinha. Aquela pedra custa para esquentar. Alí fazer beijú.

Hakái(Munduruku) - Escola. Estamos adiantado, dois filhos na escola. Sabem ler, escrever. Uma bem adiantada. Eu também não aprendi bem agora não posso ajudar mais. Se estudasse mais melhor.

Yotobimainbë(Munduruku) - Falar um pouco último dia. Senti um pouco, pessoal veio de longe. Agora não conheci tudo padres. Nós dois Chico e eu mandar pessoal para ajudar, fazer seguro nossa terra. Chamei pessoal daqui, ajudar assim vai. Sozinho não. O velho tudo que se fizeram deixaram panela, não deixaram. Arco flecha é nosso. Saco feito de tukumã - que antigamente fizeram para pegar peixe. Tudo pescar: mulher, criança. Depois chegar, chamar pra comer. Depois acabar tomar xibé, qualquer coisa tomar. Agora último dia vai embora amanhã. Companheiro sentir mesmo.

Yupareipö(Kayabí) - O Xará mandou chamar nós. Eu falar nós ficar aqui na terra, no mato. Civilizado viver no campo. Nós agora segurar nossa terra. Por isso FUNAI ajuda pouco nós. Não pode entrar branco na terra. O chefe da piãozada foi embora, não voltar mais. O pessoal dele ficar chupando o dedo. O que nós tem é terra boa. FUNAI segura nossa terra, padre ajuda como está. Tem muita lavoura, dá comida criança. Nós tem saúde. Primeiro não tem enfermeira. Disse que branco quer tirar terra, pode tocar de qualquer jeito. Onde fazer roça, que não tem. Agora começamos ajuntar gado para comunidade.

Piry(Apiaká) - Estamos reunidos, nós parentes, amigos, missionários muito pra ficar junto. Não pode ficar junto. Tem seu lugar para trabalho. Eu falei: roça plantar três vezes no mesmo lugar, depois plantar capim para o gado. Nós temos cana mas ainda não tem utensílio para fazer o mel. Nós sabe fazer



Nos bastidores da assembléia. Hora de folga.
Para garantia da fidelidade à tradução do discurso, o autor ficava do lado do tradutor.



açúcar preto.

× Yananxi(Irãntxe) - Viemos muito longe. Fizemos encontro com amigos. Nós viemos para conhecer - problemas de outros índios, que têm problema de terra. Nós viemos, vimos que tem problema de terra por causa do homem branco. Alguns não é muito. Outros - índios, nós vimos que tem muito problema. Viemos para conhecer os problemas dos outros. Falei para vocês, para meus amigos, para ter segurança na área. - Ter decreto da terra. Aí tem segurança. A Missão ajuda a escola para defender os brancos não deixar - invadir, nós tem direito da área. Se não tem área - não tem o que dar de comer para filhos. Pensar bem pra frente. Nós que temos direito, não gente branca. Gente branca está lá longe. Padre ajuda para não invadir área do índio. Estou muito satisfeito por resolver meus problemas.

Axikaruçauã(Nambikwãra) - Colegas, não bicho. Aqui vem tudo bem. Nós não tem nada. Quer dois padres, duas Irmãs. Escola. Nós querer fazer estrada. Eu pensar: Acho que padres e irmãs não gosta de nós. Guri meu grandão, por no meu mandioca. Irmão não - gostar de nós. Vamos Utiariti, remédio tratar de - nós. Agora terra padre falar fazendeiro. Aqui tem - lugar, pensar que era bicho, gente mesmo. Branco - também gente. Índio novo. Um casal. Tito acompanhar. Fugir. Você ter arma assustar. Tirar roupa, deixar-arma. Porco, caetetu pode ir atrás com arma. Galera índio não tem roupa. Fritz não quer vestir. Jogar - roupa, queimar. Agora conhecer índio nós tudo, não só vocês. Agora tudo. Mudar? Carregar gado cacunda? Tem gado bastante. Estória meu só isso.

Nasau(Tiriyó, traduzido pelo índio Kaxuyãna)- Explicar o que chefe falou ontem. Sobre terra o chefe primeiro saber nome, quanto chefe tem, se obedece, se faz puxirum para fazer roça ligeiro. Se vai tudo. Ele é chefe só para dar conselho para não brigar, não desejar mulher do outro. Tem chefe por lá. Ele dá conselho. Ele governa só a gente. A nossa - Missão não é muito boa: campo geral não é muito bom para plantação. Mato bom! Se fosse uma viagem por -

terra, canoa, ele gostaria convidar os chefes daqui. Mas nós não tem motor, avião. Nossos antigos não tinha nada: ferramenta, machado. Só brigar, falar mal dos outros. Agora compreende um pouco. Jesus Cristo morreu pro nossos pecados.

* Musōku(Kaxuyãna) - Eu falei um pouquinho dos trabalhos, não tem castanha, só fazer caça, plantação para a missão. Ela paga. As máquina não está tudo assentada. Tudo já sabe ler pouco. Compreende dinheiro. Primeiro não conhece dinheiro. Frei Bento mostrou. Agora conhecer. Lá não vai marreteiro. Nossa terra ainda é livre. O branco não vai pra lá. Não sei como será daqui para frente.

Txuãeri(Tapirapé) - Vim no lugar do chefe. Não falo bem, dá de entender um pouco. Na aldeia não tem nada. Só nós mesmos. Nós tem pouco de vaca, só isso. O chefe está falando pra nós fazer roça grande. Comprar trator. Lá vende bem arroz. Antigo não tem machado. Derrubar jatobá grande, queimar raiz até secar e derrubar. O padre que vai na aldeia leva sal, rapadura, roupa joga tudo fora. Agora usa roupa. Não tem nada, não tem padre. Só irmã, pobre como nós. Ajuda dar remédio. FUNAI ajuda pouco pra mandar pro hospital.

Tauhê(Munduruku) - Prezados padres, ontem falou Sauretian da aldeia dele. Ele diz assim não sabia que tem reunião, vem fazer negócio vem de longe. Chegou aqui encontrou nossos amigos, nossos colegas, ficar satisfeito. Veio com muita vontade ver eles. - Mas tem uma coisa que ele falou: quem bebe muito ele não gosta, porque ele não bebe. O pai dele também foi tuxãua. Eu também falei sobre minha aldeia. Estou vivendo bem. Como eu sou chefe, de plantação tenho tudo: mandioca, arroz, batata, abacaxi. Criação, só porco. Vinte cabeça lá. Eu estou ensinando ele para ver se vai para avante. Eu não sei muito bem, quer dizer, de leitura eu sei. Me criei aqui. Não nasci aqui, noutra maloca. Fui batizado 1917. É só o que disse.

* Manhuarí(Munduruku) - Bem, meus prezados ouvintes, quem falou da aldeia Pratatí, foi Hugo Hakái. - Ele na aldeia está vivendo bem, mas está faltando - uma pessoa para ensinar ler, escrever, porque não - tem filho, filha, que sabe ler. Ele também não sabe, quer ver se encontra gente. Não quer gente branco, - como eu também, este aqui não aceita branco. Nós não aceita. Nós mesmos que devemos trabalhar. Agora falar de minha parte: Sobre negócio nossa pequena aldeia. Lá eu sou dono de lá. Eu nasci naquele rio, justamente eu fui pra lá abrir o lugar. Trabalhei o lugar desde 1961. O tratamento, estado de saúde, tenho um filho que trabalha por mim. Trabalha muito, muito bem. Quem ensina é minha filha. Nós não temos livro, - caderno, nada. Minha filha tem livro. Está ensinando há três semanas. Nós quer ajuda de livro, catecismo. Ajuda de professor. Estou bem. No ano passado trabalhei pouco. Fizemos uma roça de 120 metros em quadrado. Precisamos ter pelo menos uma cabeça de gado. - Aqui o Chico, por meio dos padres franciscanos. Eu - ir, vou comprar isso; meus filhos é que vão comprar, neto, bisnetos. Se falei alguma coisa errada me desculpa.

Krixí(Munduruku) - Fui trabalhar. Tirei muita castanha. Lá a cobra picou minha mulher. Lá deixei - tudo. Vão trabalhar longe. Deixei tudo, a castanha - ficou lá. Agora chegar aqui na missão. Foi bom. A irmã tratou minha mulher, dois meses. Como os padres - são muito bons com nós. Não estou muito satisfeito - porque mulher está doente. Fiquei satisfeito com padres missionários e também pessoal que vieram de longe. É só o que falei. Não sei se falei bem.

Datxê(Munduruku) - Vim aqui conhecer os amigos, os índios, todo o pessoal que está todo unido. Eu estou aqui, cheguei meio doente. Estou aqui, mas não - posso trabalhar bem. A irmã está me tratando. Eu tenho criação de porco. Quem vai dar comida? Tem bastante criação, só de porco.

Krixí(Munduruku) - Vim aqui para assistir a essa reunião. Fui chamado, vim de longe, estou muito - satisfeito. Falou pouquinho, mas certo. Falei na gí-

ria: Espero que tudo está satisfeito comigo. Falei sobre doença da mulher. Ela está doente. Vim para - tratar a mulher. Estou muito muito satisfeito com to dos os que vieram. Foi o que falei ontem.

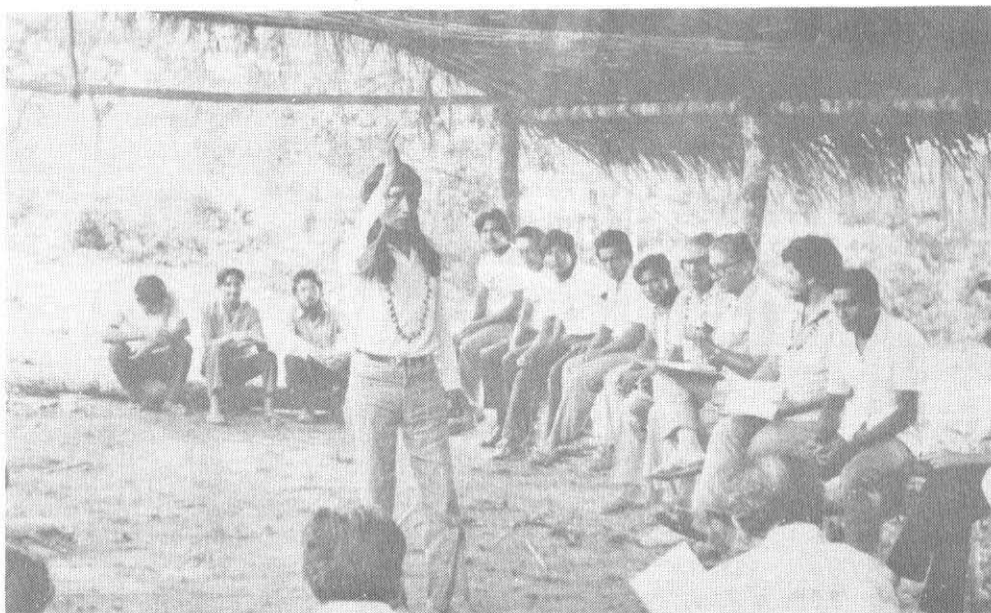
Kabuibê (Munduruku) - Vim pa-
ra conhecer. Não sabia, não enten-
di. Estou gostan-
do muito. Não es-
tou bem satisfei-
to, mulher doente.
Irmã é boazinha, -
vai tratar logo. -
Outra coisa que -
precisa na minha
aldeia: tem muito
menino. Tenho -
dois filhos que -
podem ensinar os
menino. Lá tem -
pouca comida. É -
longe da beira, -
não dá tempo para pescar. Volto da roça. Vou tarde e
volto de noite. Preciso de criação. Se irmã me dá um
porco aceito.



Sareabui (Munduruku) - Falei do negócio da saú-
de. Atendi o convite dos chefes daqui. Fiquei muito
contente de ver os padres as irmãs, todos índios, -
mesmo sangue não estou muito satisfeito, mulher doen-
te. Preciso de remédios na aldeia para algum caso. -

Ikupí (Munduruku) - Falei sobre o negócio anti-
go, instrumento antigo. Ninguém deixar música anti-
ga, buzina. Ninguém desprezar aquilo. Trabalhar nas
panelas de barro. Hoje em dia muitos não sabem fazer.
Mesma coisa de rede. Minha sogra sabe fazer. Tapaku-
rã, sabe fazer. Nós troca com Missão e nós dá rede. -

Hakái (Munduruku) - Vim aqui conhecer companhei-
ro índio, conhecer padres missionários. Primeiro, o
antigo não deixou o parecei - instrumento flauta ele



Dou conselho para não andar prā cã prā lã (Aviri).
Da direita para esquerda: Krìxi, Txuãueri, Axika-
ruçauã, Wayrotsu e Txibaibou



não deixar. Eu vou continuar. Sei tocar pareci. Sei tocar um pedaço de pau. Continuo a tocar, dançar. Es ses instrumentos meus s^o tr^{es} pedaços de pau. Mulher não pode ver.

Silvio(Munduruku) - Falar, vamos deixar de beber cachaça, não presta pra n^{os} beber tanto. Eu na - missão, não nasci aqui. Agora estou trabalhando na - missão. Serro madeira. Os padres são bons. Não quero, que os padres e as irmãs saem daqui.

Burum(Munduruku) - Eu disse ontem, falei sobre tudo pessoal. N^{os} vamos ficar em paz. Tem muita gente que bebe demais, que briga. Não gosto desses brigadeiros, faz muito barulho.

* Datiê(Munduruku) - Vamos demarcar, defender - nossa terrã. Os antigo foram fortes, que não deixava os brancos entrar. Os antigo, os av^{os} contavam. Os - antigos eram guerreiros. Agora deixar de matar os in dios. N^{os} hoje estamos unidos, o que falta é criação. Um casal de porco, os padres poder arrumar. Não tem filho pra pescar. Quando vai trabalhar, quando volta é obrigado a pescar. Não tem filhos. Já foi falecido. Filha tenho tr^{es}. Não tem maridos. Filho pequeno ain da não sabe pescar.

* Wayrotsú(Xavante) - Eles já souberam o que dis se ontem no grupo. Assunto terra, estrada não fazer confusão na área nova. O assunto se ontem eu disse - uma coisa para eles porque eles quer saber alguma - coisa. O Estatuto dos Índios. Lá está escrito: crime contra índio, n^{os} não vivemos s^o um dia. Viver ama - nhã. Eles podem contar pro filhos sobre o progresso. Falei sobre a cultura dos índios. Os brancos não podem acusar, não pode brincar com cultura. Se branco oferece cachaça, ele tem direito de ficar na cadeia, porque dá estrago e é ruim para os índios. Se abusar das mulheres, pode ficar na cadeia. Eles não podem-

ler jornal, por isso eu contar para eles. O que é importante é a nossa vida, o nosso costume, não podemos deixar para pegar as coisas do branco. Nós temos tudo. Não perder. Lembrar pra não perder o nosso costume. Senão a ruína vem a destruição acabar o índio. Porque nós é assim a nossa vida, porque nós não podemos viver no meio dos branco, não vivemos só um dia, precisamos um chão, um pedaço de terra, não tudo, só pedaço. Pedimos ao Presidente da FUNAI socorro - pra sair a terra. - Estamos esperando a promessa. Tantos anos assim mesmo. A nossa vida é curta. Já ouvi falar tanto, ouvi falar que vão sair no fim do mês. Vamos ver. Se não sair, vamos a Brasília. Diz o jornal: - a paciência do índio é curta.

Muitok(Munduruku) - Vim com mulher doente, muito doente. As irmãs - muito bom. Deram - tratamento. Ficou - bom. Quero remédio - pra minha mulher. - As irmãs me deram, - ficou melhor.

Krixí(Munduruku) - Vim aqui para conhecer os nossos parentes aqui,-



vim com muita vontade, para encontro, com nossos colegas que vieram de longe. Trabalho para ajudar a missão e a missão ajuda nós. Desde pequeno estou trabalhando na missão com os padres franciscanos, não sei falar português. Quem faz explicação pra mim é minha mulher. Ela criada no convento das freiras. Estudou, casou.

* Datxê(Munduruku) - O senhor me desculpa que não sou nada. Cacique não sou. Sou capitão, o capitão é falecido. Hoje estou no lugar dele. Vim de longe fazer as compras com missionários franciscanos. Vim também com as irmãs pedir remédio. As missionárias são também muito bom. São todas boas. Vim de lá da aldeia do Muriçu, chamado daqui. Viemos com boa vontade. Temos muito serviço, mas fazemos uma pausa. Se não fosse assim seria uma vergonha pra nós, principalmente pro capitão.

* Atanásio(Munduruku) - Chefe é o papai. Eu sou lugar do nosso pai. Nós mora na cabeceira do Lago Grande. Só nós, tem famílias lá. Nós faz tudo: roça caça, nós mora na beira do lago.

Saú(Munduruku) - Não sou chefe, chefe é meu sogro, que não veio. Quando saí de casa estava sabendo dessa reunião. Aí soube que tinha reunião dos índios. Eu estava sabendo que havia gente de fora nossos amigos. Gostei de ver gente de fora. Tenho dois garotinhos que ficaram contentes de ver gente de fora.

Manoel(Karipuna) - Meus senhores amigos, poucas palavras. Me sinto muito satisfeito, amigo dos índios brasileiros. Achei muito bom conhecer, conhecer se unir. Segundo eu não sou contra o branco, não podemos empatar o progresso da nação, mas precisamos demarcar a terra, pra evitar atrapalhos. Quando a gente não sabe onde eu posso dizer isso é meu é -

nosso, não posso brigar com civilizado. Foi grande - prazer conhecer tudo. Isso pra nós é grande progresso.

* Geraldo(Galibi) - Meus amigos, nossos irmãos.- Eu não conhecia esses nossos irmãos. Quando esperava chegar aqui, no centro da América do Sul? Gostei conhecer as nossas necessidades. Está havendo muita - promessa, mas não sai. Vou pedir remédio ao chefe do posto, ele diz: não tem. Onde está? Vendeu pro branco. Tem muito civilizado. Põe na frente de nós. Sempre nossos avôs falava que muita raça de nossa gente, mas nunca pensava de encontrar. A civilização - não devia fazer assim, por isso o branco não quer en- sinar. Quem começa tem que acabar. O civilizado por causa do "tutu", afasta nós pra terra pobre. Nós so- mos donos da terra, não homens que vem de longe, do outro lado do oceano, até preto escravo da África, - são ricos com nossas riquezas.

* Ayirí(Tiriyó) - Não estou compreendendo bem, - tirar índio. A terra é grande tem muito rio: Marapí, Trombeta. Outras tribos Tuyanana e outras, que não - conheço. Primeiro morar junto. Avô contava tinha mui- ta tribo, depois se espalhou. Não sei de onde era. - Agora estou na Missão. Primeiro não tem roupa. Ago- ra que vim para cá é que comecei a usar roupa. Frei Angélico recomenda não deixar coisas antigas. Primei- ro não sabia que era roupa, camisa, sapato, por isso não usar. Negócio de terra. Eu morava noutra lugar.- Outros morar pra cá, por lá. Dou conselho para não - andar pra cá pra lá. Ficaram. Depois chegaram mais - homens. Não tem problema de terra. São bem longe é - dos caraíba, dos pretos do Suriname.

* Nasau(Tiriyó, apontando para um mapa que dese- nhou no chão) - Tem amor à terra que é nossa mesmo.- Tem aldeia, missão. Essa terra até Marapí queremos - pra nós. Pra cima os gateiros chegaram até a boca do Rio Marapí. Não quer que cacem do outro lado do Mara- pí. O gado está invadindo as terras. (O gado não é

Brasil). A Missão está reunindo o gado. O gateiro abusou. Veio até a Missão. Holandes só presta para abusar da mulher dos outros, por isso não quero na nossa terra. Os pretos vêm, contratam os índios para trabalhar fora, enquanto os índios se ausentam abusam das mulheres.

Hakái (Munduruku) - Estou trabalhando no posto; seringá roça e tudo. Doente um pouco. Não dá pra trabalhar, plantando tudo, macaxeira, mandioca, banana. Fazendo casa, tirando pau, sapê pra cobrir.

* Txibaibou (Bororo) - Vivendo com muitos problemas. Dei a iniciativa de haver uma ou duas vezes por ano reunião de índios de todos. Pedimos ajuda Missão e FUNAI pra ver se os índios vão pra frente. FUNAI está para ajudar. Eu sinto muito esses massacres, que a gente ouve pelo rádio: maltratados, tirar terra, estrada, transferidos. Nós somos gente como o branco, pouco diferentes. Sabe menos, eles mexem com camião, avião. A polícia manda gente pra proteger o branco, mas não o índio. A autoridade está pronta para mandar polícia quando há confusão de índio e para castigar. Quando o índio é ofendido polícia não aparece ou muito difícil. A saúde, a FUNAI está aí para proteger. Deve ajudar tudo igual, até o nível do branco. Defender todos, não olhar só grupo mais adiantado. Os missionários estão defendendo os índios, mas a FUNAI é que deveria fazer. Os padres não foram feitos para ajudar índio, mas ajudam melhor que a FUNAI. Entrosamento com branco não é bom. Conserva-se índio embora civilizado. Viver na nossa aldeia. Não deixar de ser índio. Somos os primeiros aqui dessas terras, não nós mas nossos avós. O índio tem sentido diferente: transferir índio é judiar é matar. Prestigiar índio, não é bicho, índio é sensível. Transferir Krenakarore é um crime. Galibi (aparteando): Quando chegar portugueses na Bahia encontrar nós gente: não tem rabo! Não gado. Somos tratados como os negros tratam o gado. Segue o Bororo: Os que ainda não tem problema de terra vão ter, é preciso garantir primeiro. Passar uma estrada em cima de uma aldeia é um crime. Por que não desviar? O Brasil é muito grande. Isso é triste.

11a. SESSÃO

Avaliação e despedida

Na sessão de despedida, 27 índios Munduruku manifestaram seu contentamento pela realização de uma assembléia na área deles, porque puderam conhecer outros índios. Agradeceram os que vieram de longe, os Munduruku de outras aldeias. Desejamos ter outra reunião noutro lugar, disseram quase todos. Hakái disse que espera novo encontro em S. Paulo ou bem na Alemanha. O Nambikwára desejou outra reunião em S. Paulo, Rio Grande do Sul, não sei. Até lá em cima no céu. Ao partirem daqui disseram que sentiriam muito a separação. Alguns imploram as bênçãos de Deus para todos os participantes. O mesmo fez Aviri (Tiriyó), Yo pareipß (Kayabi), Yananxi (Irantxe); Txibaibou (Bororo) disse: o que foi discutido não fique só em palavras, cada um voltar para suas aldeias e por em prática, com Deus. Sem Deus nada se pode. Para nós outra reunião lá seria melhor no fim do ano, por causa do internato.

Wairotsu (Xavante): Agradecemos de meus tribus porque não podiam vir muitos. Agradecer as idéias, que deram os outros. Assim desenvolver mais as tribus. Agradeço aos chefes primeiro, depois os outros. Agradeço a todos.

Yananxi (Irantxe): Agradecer Deus. Muitos Brancos ^{mão} conhecem Deus. Somos mais felizes. Cada um vai pra sua área, para as tribos ir pra frente.

Mosóku (Kaxuyana): Oportunidade de conhecer a Missão. Gostar da reunião de chefes. Só chefe pode convidar para outra reunião. Muito obrigado!

